

Fenômenos morfofonológicos em nomes da língua indígena Manxineru (Aruák)

Fábio Pereira Couto *

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0003-0712-6928>

Natália Cristine Prado **

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0001-8947-4330>

RESUMO

Este artigo pretende apresentar os fenômenos morfofonológicos, em especial, aqueles relacionados à morfologia nominal, da língua indígena Manxineru (família Aruák). Descrevemos a estreita relação entre os componentes fonológicos e morfológicos deste idioma, que resulta em reorganização do sistema linguístico. É possível notar diversos processos fonológicos nesta língua motivados pela adjunção de prefixos pessoais possessivos, o que desencadeia mudanças fonológicas em junção de morfemas, promovendo apagamentos vocálicos, consonantais e silábicos, e fenômenos consequentes, tais como alongamentos compensatórios e a realização de consoantes aspiradas. Esperamos, com este trabalho, contribuir para a descrição dos aspectos morfofonológicos da língua Manxineru.

PALAVRAS-CHAVE

Morfofonologia; Língua indígena Manxineru; Prefixos possessivos; Apagamentos sonoros.

Morfofonológicos Manxineru tskihi tokanha (Aruák)

HKAYAHOXIKOLU ¹

Twu yonawahlo xye kamruretatsi hekakhitanru morfofonológicos, xye hixanuutshi hihlenu, wale hixannu hekakjitatshiri morfologia hiwaktshi, Manxinerunruha (wtokanha tskihi Aruák). Wyonatanru ripxakajinru wannamkojeneko xye tokantshiha fonológicos morfológicos xye nruha rukankakletantanru hiyrunkotnaka xye tokanhakaka. Rexikowaka fonológicos kakoje rixyawaka prefixos pessoais possessivos, kluhe yokmakaklu fonológicos hipxaklu morfemas, hkamhanrupa wenutkaluru vocálicos, consonantais silábicos, hakanhajatatsiri hixanutshikaka, Hanu alongamentos compensatórios kamhakaluru consoantes aspiradas. Wkahnwajyalu, xye kamrurtsh, repixanru hkahwakanru yonhatshi morfofonológicos Manxinerunruha.

TOKANTSHI PSOLUKA JEKHITATSHRI

Morfofonologia; Manxinerunruha; Prefixo; Apagamentos sonoros.

ABSTRACT

This article intends to present the morphophonological phenomena, in particular, those related to nominal morphology, of the Manxineru indigenous language (Aruák family). We describe the close relationship between the phonological and morphological components of this language, which results in a reorganization of the linguistic system. It is possible to

* Professor da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Coordenador do Laboratório de Línguas e Culturas Indígenas da Universidade Federal de Rondônia (LALIC-UNIR). Membro pesquisador do Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas da Universidade de Brasília (LALLI-UnB).

** Professora do Departamento Acadêmico de Letras Vernáculas e do Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Federal de Rondônia (UNIR, campus Porto Velho). Líder do Núcleo de Estudos em Fonologia – NEFONO e do Laboratório de Pesquisa, Ensino e Extensão em Fonética e Fonologia – LAPEEFF.

¹ Resumo em língua e ortografia da língua Manxineru produzido por Lucas Arthur Brasil Manchineri, falante nativo da língua Manxineru e colaborador da presente pesquisa. Alguns termos permanecem em português por não terem uma tradução para esse idioma.

notice several phonological processes in this language motivated by the addition of personal and possessive prefixes, which triggers phonological changes in morphemes, promoting vowel, consonant and syllabic deletions, and consequent phenomena, such as compensatory lengthening and the realization of aspirated consonants. We hope, with this work, to contribute to the description of the morphophonological aspects of the Manxineru language.

KEYWORDS

Morphophonology; Manxineru indigenous language; Possessive prefixes; Sound deletion.

Introdução

Este trabalho propõe a análise e a descrição de fenômenos morfofonológicos da língua Manxineru² motivados pela estreita interface existente da fonologia com a morfologia e com a reorganização rítmica da língua. Os trabalhos realizados por Couto (2012, 2016), como parte de pesquisa sobre o povo e a língua, revelaram um rico arcabouço linguístico existente nessa língua, o que proporcionou a geração de corpus considerável de dados sobre a língua Manxineru.

A língua Manxineru, conforme literaturas especializadas (RODRIGUES, 2002, AIRKHENVALD, 1999, COUTO, 2012, 2016), forma, junto com outras 42 línguas, a família linguística Aruák. Essa língua conta hoje com cerca de 1110 falantes, que vivem distribuídos em 12 aldeias na Terra Indígena Mamoodate, localizada no sudoeste do estado do Acre, Brasil. A língua Manxineru é a variante falada no Brasil, pois há também outra variante falada no Peru, denominada de Piro (cf. HANSON, 2010, COUTO, 2016). A este respeito, cabe informar que é usada a terminologia Yine (HANSON, 2010) para se referir a estas duas variantes (Manxineru-Piro).

Esta pesquisa conta com a geração de dados realizada em 2012 a 2016 em trabalhos de campo e em gravação em estúdio com tratamento acústico na Universidade de Brasília. Para compor esse conjunto de dados, foi fundamental a colaboração de quatro falantes nativos bilíngues do Manxineru. Todos os colaboradores possuem bom domínio da língua portuguesa, com idades que, na época, variavam de 24 a 37 anos, sendo uma indígena do sexo feminino e três indígenas do sexo masculino.

² Como já adotado por Couto (2012) e diferentemente do que Lewis (2009), Matteson (1965), Silva (2013) e Rodrigues (2002), que adotaram terminologias distintas para se referirem ao povo e à respectiva língua, como, por exemplo, Machineri, Manchinere, Manchineri, Manitenére, Manitenerí, Maxinéri, adotamos para esta pesquisa o termo Manxineru, por ser este o usado e preferido pelos falantes dessa língua. A terminologia Manxienru, adotada para esta pesquisa, também se diferencia do termo Yine, que foi adotado por Hanson (2010), para se referir tanto ao Manxineru (variante falada no Brasil) quanto ao Piro (variante falada no Peru).

Para compor os dados, que somam cerca de 1700 itens (entre textos, frases e palavras), foram gravadas conversas livres, sentenças preestabelecidas, assim como lista de palavras nos ambientes das aldeias indígenas. Além disso, e para melhor captação de amostra de áudio para análise, fizemos gravações em estúdio com tratamento acústico, com o propósito não só de ter melhor segurança na descrição da língua, mas também para realização de pesquisas experimentais de caráter acústico.

Para este recorte de nossa pesquisa, o foco está sobre a análise da forte interação existente entre a fonologia e a morfologia, o que podemos denominar também de estudo morfofonológico (cf. HASPELMATH; SIMS, 2002). Essa estreita interação existente entre esses aspectos da língua promove o acionamento de processos fonológicos, tais como i) apagamento vocálico e o conseguinte alongamento compensatório; ii) apagamento vocálico e conseguinte palatização consonantal e iii) apagamento vocálico e a ocorrência de consoantes aspiradas.

Cabe salientar, apesar de não ser o foco deste trabalho, que foi fundamental lançar mão do aparato da fonética acústica experimental para verificação dos fenômenos físicos, de forma a dar mais confiabilidade nas observações das características desses fatores dos sons, no acionamento dos mecanismos inerentes à língua Manxineru, principalmente aqueles que envolvem a juntura de elementos da língua (morfofonologia), contudo, como já informamos, cabe ressaltar que não se trata aqui de um estudo acústico, mas utilizamos deste para proporcionar maior segurança para elaboração das hipóteses, nas análises e nas descrições de aspectos dos fenômenos físicos demonstrados no presente trabalho, que se fazem necessários para corroborar as nossas afirmações.

Não obstante, com esta pesquisa, procuramos contribuir de forma significativa para os estudos linguísticos de línguas indígenas, pois abordamos aqui vários aspectos das mudanças morfofonológicas dessa língua. Para as discussões firmadas neste trabalho, e em uma perspectiva teórica e metodológica da linguística descritiva e acústica experimental foram importantes os trabalhos de Matteson (1965), Ladefoged, (1975, 1990a, 2001), Lin (1997), Aikhenvald (1999), Hock (1991, 1986), Hayes (1981), Couto (2012, 2014, 2016), Hanson (2010), Haspelmath e Sims (2002), Cagliari (2002) entre outros. Desse modo, este artigo se estrutura em três seções, a saber: 1) aspectos gerais sobre o povo e a língua Manxineru; 2) características da fonologia do Manxineru e 3) descrição de aspectos da morfofonologia nominal do Manxineru: exemplos de apagamentos. Esperamos, com este trabalho, contribuir para a descrição de aspectos

fundamentais ligados à morfofonologia das línguas indígenas brasileiras, em especial, da língua Manxineru.

1. Aspectos gerais sobre o povo e a língua Manxineru

1.1 Povo e localização

O povo Manxineru vive na Terra Indígena (T.I.) Mamoodate, que foi demarcada em 1975, com uma área de 313.647 hectares, abrangendo a margem direita e esquerda do Rio Iaco, a partir do igarapé Mamoodate até a fronteira do Brasil com o Peru (COUTO, 2012, 2016), sendo essa a maior T.I. do Acre que abriga o povo Manxineru³ e o povo Yaminawá.

A população do povo Manxineru no Brasil é de aproximadamente 825 pessoas (conforme o último censo do IBGE, 2010), mas segundo censo da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI, 2012)⁴ são 997 indígenas Manxineru. Campbell e Grandona (2012, p. 182) informaram que a população Manxineru é de 937, sendo que, segundo os autores, todos falam a língua nativa. Para Campbell e Grandona (2012.), esse número de população coloca a língua Manxineru entre as línguas indígenas brasileiras ameaçadas de extinção.

O povo Manxineru se organiza na T.I. Mamoodate em 11 aldeias: (1) Extrema, (2) Lago Novo, (3) Cachoeira, (4) Camuru, (5) Senegal, (6) Alves Rodrigues, (7) Laranjeira, (8) Santa Cruz, (9) Jatobá, (10) Peri e (11) Betel. Todas essas aldeias se localizam à margem direita do Rio Iaco, com exceção da Senegal. Também há um grupo Manxineru distribuído em 12 aldeias no Seringal Guanabara, que ainda está em fase de estudos para que possa ser reconhecida como T.I. e que se localiza na região noroeste da Reserva Extrativista Chico Mendes. As aldeias são: (1) Altamira, (2) Mamoal, (3) Água Boa, (4) Samaúma, (5) Javali, (6) Mutum, (7) Boa Vista, (8) Natal, (9) Paxiubal, (10) Divisão de Guanabara, (11) Mantiqueira e (12) Livramento.

1.2 A língua Manxineru

Na literatura especializada, a língua Manxineru foi classificada como pertencente ao sub-ramo da família Aruák (MATTESON, 1965, AIKHENVALD, 1999, RODRIGUES, 2002, CAMPBELL, 2012, CAMPBELL; GRANDONA, 2012, RAMIREZ, 2001). A língua Manxineru é uma das cerca de 180 línguas nativas do Brasil (RODRIGUES, 2002).

³ Estes dados também estão disponíveis na página oficial da FUNAI na internet: <<http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/terras-indigenas>>. Acesso em: 27 nov. 2016.

⁴ Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/c/quadro-geral>>. Acesso em: 26 jun. 2016.

Mesmo que as estimativas do número de línguas, que pertencem à família Aruák, variem, em grande medida, os principais estudos de caracteres tipológicos e comparativos modernos sobre a família Aruák (AIKHENVALD 1999a, 1999b, RAMIREZ, 2001, CAMPBELL; GRANDONA, 2012) apresentaram classificações muito próximas entre elas, contudo há algumas diferenças relativas à classificação interna. Segundo Ramirez (2001), existem, na América do Sul e parte da América Central, quarenta e três línguas Aruák, com uma população estimada de 400.000. Já no território brasileiro, a família Aruák está representada por 18 línguas, conforme postulado por Rodrigues (2002, p. 72), que pode ser verificado no quadro (1).

Quadro 1: Família Aruák no território brasileiro

Língua	Estado
Apurinã (Ipurinã)	– AC, AM
Baniwa do Içana	– AM
Baré	– AM
Kámpa	– AC
Mandawáka	– AM
Mehináku	– MT
Palikúr	– AP
Paresí (Halití)	– MT
Piro	
Manitenéri	– AC
Manxinéri	– AC
Salumã (Enawenê-nawê)	– MT
Tariána (Taliáseri)	– AM
Yuruparí-tapúya (Iemi)	– AM
Teréna (Teréno)	– MS, SP
Wapixána	– RR
Warekéna (Werekéna)	– AM
Waurá	– MT
Yabaána	– AM
Yawalapití	– MT

Fonte: Rodrigues (2002, p. 72)

2. Características da fonologia do Manxineru

2.1 Fonemas da língua Manxineru

No sistema da fonologia da língua Manxineru, conforme descrito por Couto (2012; 2016), há 16 fonemas consonantais: /p, t, k, ts, tʃ, cç, s, ʃ, ç, h, m, n, r, l, w, j/ e cinco fonemas vocálicos /i, e, a, i, o/, os quais podem ser observados nos quadros seguintes (2 e 3).

Quadro 2: Fonemas consonantais do Manxineru

	Labial	Alveolar	alveopalatal	palatal	velar	Glotal
Oclusivo	p	t			k	
Africado		ts	tʃ	cç		
Fricativo		s	ʃ	ç		h
Nasal	m	n				
Líquido		l, r				
Aproximante	w			j		

Fonte: Couto (2016, p. 61)

Quadro 3: Fonemas vocálicos do Manxineru

	+Anterior	-Anterior	
	-Arredondado		+Arredondado
+Alto	i	ɨ	o
-Alto	e	a	

Fonte: Couto (2016, p. 86)

Todas as consoantes da língua Manxineru podem ocupar a posição de *onset* simples (C₁), contudo, na formação de *onset* complexo, somente as oclusivas, as nasais, a fricativa glotal e o tepe podem ocupar essa posição, sendo (C₂) sempre preenchida por uma consoante aproximante. A posição de núcleo silábico só pode ser preenchida pelos segmentos vocálicos. Já a posição de *coda* (C₃) só pode ser preenchida pelas fricativas e aproximantes. Sobre a estrutura silábica, trataremos com mais detalhes na seção seguinte.

Os fonemas vocálicos, além de serem os únicos que exercem núcleo de uma sílaba, também podem ocorrer com qualquer consoante, mas nunca constitui uma sílaba sozinha, ou seja, sempre terá uma consoante em posição de *onset* na composição das

sílabas fonológicas. Em Manxineru também não há vogais nasais fonológicas, mas, conforme descrito por Couto (2014, 2016), somente vogais nasalizadas, que sofrem processo de assimilação do traço de nasalidade, quando as vogais antecedem consoantes nasais /n, m/ – caso mais comum – como se verifica nos exemplos (1 e 2).

- | | | | |
|-----|----------------|----------------|---------|
| (1) | [tu.ˈkɛ̃n.tʃi] | /to.ka.na.tʃi/ | ‘voz’ |
| (2) | [ˈtsũ.mi] | /tso.mi/ | ‘berne’ |

Outra ocorrência fonética de vogais nasalizadas – de forma mais rara – é quando uma vogal precede uma fricativa glotal /h/, como exemplificamos em (3 e 4).

- | | | | |
|-----|-------------|------------|----------------|
| (3) | [ˈhõ.hĩ] | /ho.hi/ | ‘dia’ |
| (4) | [pˡ.ˈhẽ.te] | /pi.ha.ta/ | ‘você inventa’ |

A capacidade de um fonema naturalmente não nasal como o /h/ provocar a nasalização de uma vogal adjacente, como ocorre no Manxineru, tem a ver com a propriedade de esta consoante possuir uma espécie de nasalidade espontânea, como proposto por Matisoff (1975) e Rodrigues (2003), em um fenômeno denominado de *Rhinoglottophilia*.

2.2 A estrutura silábica do Manxineru

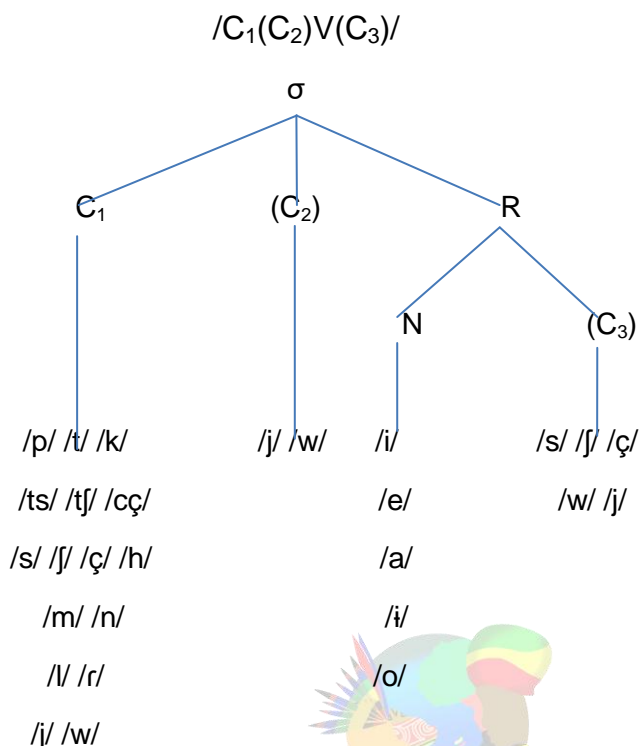
Com relação à estrutura silábica, Couto (2012, 2016) afirma que, foneticamente, podem ocorrer as seguintes realizações: [CV, CVC, CCV, V, Ç], sendo que estruturas compostas por apenas um segmento vocálico (V) ou consonantal (C) não são permitidas no sistema fonológico da língua, se configurando apenas como realizações fonéticas, que são provocadas principalmente por processos morfofonológicos e de reestruturação rítmica. Nesse sentido, as realizações fonológicas possíveis na língua são: /CV, CVC, CCV/. Assim, o molde silábico fonológico representativo da língua Manxineru é C(C)V(C), conforme exemplificamos nos exemplos em seguida (5-9).

- | | | | | | |
|-----|-------------------|-----------------|----------------|-----------------|---------------|
| (5) | [ˈrɛta] | (CV.CV) | /re.ta/ | (CV.CV) | ‘ele vê’ |
| (6) | [ˈhĩç.pa] | (CVC.CV) | /hiç.pa/ | (CVC.CV) | ‘sopa’ |
| (7) | [ˈtje] | (CCV) | /tje/ | (CCV) | ‘isto’ ‘este’ |
| (8) | [no.ˌpo.i.ˈtẽ.ne] | (CV.CV.V.CV.CV) | /no.poj.te.ne/ | (CV.CV.V.CV.CV) | ‘meus bois’ |
| (9) | [n̩.ˈtʃiw.le] | (Ç.CVC.CV) | /no.tʃiw.le/ | (CV.CVC.CV) | ‘meu pulmão’ |

Dentro da proposta da teoria da sílaba, na perspectiva de Selkirk (1982), Itô (1986) e Clements e Hume (1995), a sílaba é constituída de estrutura interna, que se configura

de ataque (A) e rima (R), por sua vez, esta é ramificada em núcleo (Nu) e coda (Co). Nessa configuração e perspectiva teórica, as sílabas do Manxineru podem se apresentar conforme diagrama da Figura (1).

Figura 1: Molde da sílaba fonológica do Manxineru



Fonte: Couto (2016, p. 107)

2.3 O acento em Manxineru

Nos trabalhos de Couto (2012, 2016), foi postulado que o acento principal das palavras da língua Manxineru sempre ocorre na penúltima sílaba, e ele não é contrastivo, ou seja, não é fonológico, como demonstramos nos exemplos seguintes (10-13).

- | | | | |
|------|----------------------------|--------------|---------------|
| (10) | ['h ^ẽ .fo] | /ha.fo/ | 'morcego' |
| (11) | [hẽ. 'tʃi.ni] | /ha.tʃi.ni/ | 'por cima' |
| (12) | [ni:. 'ka] | /ni.ka/ | 'eu como' |
| (13) | ['p ^h tʃiw.le] | /pi.tʃiw.le/ | 'pulmão dele' |

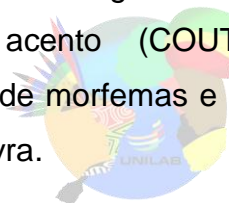
Couto (2012, 2016) verificou que as operações morfofonológicas exercem grande influência nesse processo rítmico que provocam não só mudanças nas estruturas fonológica e morfológica das palavras como o constante deslocamento do acento para a penúltima sílaba da palavra, de forma a manter o padrão prosódico básico da língua. Como é possível notar por meio dos dados seguintes (14 e 15), o acento sempre se

desloca para a penúltima sílaba, independentemente da quantidade de morfemas que se juntam à palavra base.

- (14) a. [ˈpɛ̃n.tʃi] /pa.na.tʃi/ 'casa'
b. [pɛ̃nˈtʃi.ne] /pa.na.tʃi.ne/ 'casas'
c. [no.ˈpɛ̃.na] /pa.na.tʃi.ne/ 'minha casa'

- (15) a. [tˠlo.lo] /to.lo.lo/ 'sapo'
b. [tˠlo.ˈlõ.ne] /to.lo.lo.ne/ 'sapos'
c. [ˌnˠ.tˠ.lo.loˈtẽ.ne] /no.to.lo.lo.te.ne/ 'meus sapos'

Os dados acima demonstram, portanto, que o acento primário e fonético em Manxineru sempre ocorre na penúltima sílaba da palavra, e para que isso possa prevalecer, o sistema da língua promove várias operações fonológicas, tais como: apagamento, redução, alongamento de segmentos, assim como readequação rítmica e conseguinte deslocamento de acento (COUTO, 2012, 2016). Dessa forma, independentemente da quantidade de morfemas e sílabas, o acento primário sempre vai ocorrer na penúltima sílaba da palavra.



2.4 Aspectos da morfologia nominal do Manxineru: o caso dos prefixos pessoais e possessivos

Na língua Manxineru, há palavras que podem ser constituídas de apenas um morfema ou de vários morfemas. Os lexemas que podem ocorrer na sintaxe (nominal ou verbal) sem nunca sofrer derivação ou flexão são o que Couto (2016) denominou de partículas (advérbios) (exemplos 16-18), os quais são também sintaticamente caracterizadas como tendo posições específicas na estrutura sintática.

Há também palavras que podem, circunstancialmente, sofrer derivação ou flexão, mas não de maneira obrigatória (palavras alienáveis) (exemplos 19-21), por outro lado, há palavras que sempre serão alvos de processos derivacionais ou flexionais, ou seja, de forma obrigatória (caso de nomes relativos denominados inalienáveis) (exemplos 22-24). Por fim, há nomes que nunca podem ser possuídos, como, por exemplo, aqueles que dizem respeito a elementos da natureza (exemplos 25-27).

(16)	hehe	'sim'
(17)	hike	'não'
(18)	hewi	'aqui'
(19)	poj	'boi'
(20)	poroto	'feijão'
(21)	kanawa	'canoa'
(22)	há-ramaha-na	'minhas panelas'
(23)	no-jhi	'meu dente'
(24)	hi-spa	'minha casa'
(25)	tikatji	'sol'
(26)	ksiri	'lua'
(27)	matjira	'macaco'

Para descrição de amostra da língua Manxineru, concentramos nossa descrição de fenômenos morfofonológicos de palavras que se juntam aos prefixos pessoais, que também podem indicar a relação de posse, por esses serem alvos ou gatilhos de processos fonológicos que geram muitos fenômenos na língua, e por serem obrigatórios em grande parte das palavras dentro das sentenças nominais.

De acordo com Ramirez (2001), Aikhenvald (1999) e Campbell e Grandona (2012) o aspecto histórico e tipologicamente característico de línguas pertencentes à família Aruák é a existência de prefixo ou prefixos pessoais e possessivos, como o {nu-}, característica essa que agrupa a língua Manxineru ao grupo denominados de *nu-arawak* (cf. RAMIREZ, 2001, CAMPBELL, 2012; AIKHENVALD, 1999b).

Sendo essa então uma característica intrínseca da língua Manxineru, a existência de prefixos pessoais e possessivos do Manxineru (Quadro 4) indicam a pessoa gramatical e relação de pertencimento em nomes relativos (inalienáveis) e em predicados nominais e que desempenham a função de sujeito/agente nos predicados verbais. Contudo, para o presente trabalho, a proposta é descrever apenas a relação morfofonológica existente na constituição de alguns lexemas nominais do Manxineru, principalmente, aqueles nomes que são ou podem ser inalienáveis, ou seja, expressarem relação de posse, por essa ser uma característica muito marcante e produtiva desta língua.

Quadro 4 – Prefixos pessoais do Manxineru

Pessoa	Singular	Plural
1	no-	wi-
2	l-	hi-
3M	ri-	hi-...-na ⁵
3F	to-	

Fonte: Couto (2016, p. 147)

Em Manxineru, a concatenação morfofonológica, como descrito nas seções posteriores, pode produzir mudanças morfofonológicas diversas, o que gera um grande número de alomorfes e alofones no paradigma de pronomes pessoais dessa língua, uma vez que, em muitos casos, há ainda a assimilação total ou parcial da vogal do prefixo pessoal com a vogal da sílaba inicial do tema (base lexical) ao qual ele se junta, provocando, assim, vários fenômenos, como por exemplo a harmonia vocálica (LIN, 1997, HOCK, 1986).

Como amostra desse fenômeno, exemplificamos em (28) as ocorrências do processo morfofonológico de harmonia vocálica das vogais dos prefixos pessoais com a vogal do tema. Nestes exemplos, os pronomes pessoais {no-, pi-, to-, ri-, wi-, hi- e ri...na} sofrem alterações, criando, assim, alto grau de alomorfia do paradigma de pessoa dos pronomes, como evidenciamos em seguida (28), já que, nestes dados, as vogais dos pronomes se harmonizam com a vogal [a] da sílaba inicial do tema {-jakata} ‘morder’ ao qual os pronomes se afixam em fronteira morfofonológica.

- (28)
- | | |
|--------------|------------------------|
| a. -jakata- | tema do verbo ‘morder’ |
| b. na-jakata | ‘eu mordeu’ |
| c. pa-jakata | ‘você mordeu’ |
| d. ta-jakata | ‘ele mordeu’ |
| e. ta-jakata | ‘ela mordeu’ |
| f. ha-jakata | ‘vocês morderam’ |

⁵A terceira pessoa do plural em Manxineru é formada não só por um prefixo pessoal, mas também por um sufixo que se juntam simultaneamente a base lexical, como em: /ri-kanaw-na/ ‘canoa deles/delas’.

g. wa-ʃakata 'nós mordemos'

h. ra-ʃakata-na 'eles morderam'

Nos exemplos seguintes, para mostrar a variação dos prefixos pessoais nos nomes, descrevemos e evidenciamos que a vogal /i/ dos morfemas pessoais e possessivos {pi-}, {ri-}, {hi-} e {hi-...na} se realiza, em todos os prefixos, na superfície, como [w], quando precedem, em fronteira morfológica, um segmento [+contínuo +soante +arredondado], conforme pode se verificar em (29).

- (29) a. walo 'coelho'
b. nw-alo-ne 'meu coelho'
c. pw-alo-ne 'seu coelho'
d. rw-alo-ne 'coelho dele'
e. tw-alo-ne 'coelho dela'
f. w-alo-ne 'seu coelho'
g. hw-alo-ne 'coelho de vocês'
h. hw-alo-ne-na 'coelho deles/delas'

Nota-se nesses exemplos que o esperado dentro do processo fonológico seria que /i/ se realizasse como [o], entretanto a regra que levaria à assimilação de /i/ para [o] diante de /w/ é desconsiderada no sistema da língua, pois teve prevalência a regra de queda da vogal /i/ entre duas consoantes com o mesmo ponto de articulação, nesse caso específico as consoantes /w_w/. Assim, houve nesse caso um processo de *bleeding* (HOCK, 1991), isto é, a regra da assimilação vocálica foi impedida pela regra de queda de vogal entre duas consoantes de ponto de articulação idêntico.

Os dados seguintes ilustram outros exemplos de harmonia vocálica que afeta os prefixos pessoais {no-} e {to-}. Assim, a vogal subjacente do prefixo de 1S {no-} se harmoniza com a primeira vogal do tema em um processo semelhante ao de (30). Dessa forma, conforme mostraremos na sequência paradigmática de (30), com exceções dos prefixos, que já têm em sua estrutura a vogal /i/, há a harmonização vocálica identificada no processo de assimilação total dos traços da vogal da sílaba inicial da base lexical.

- (30) a. ʃima 'peixe'
b. ni-ʃima-ne 'meu peixe'
c. pi-ʃima-ne 'teu peixe'

- d. ri-fíma-ne 'peixe dele'
- e. ti-fíma-ne 'peixe dela'
- f. wi-fíma-ne 'nosso peixe'
- g. hi-fíma-ne 'peixe de vocês'
- h. hi-fíma-ne-na 'peixe deles/delas'

Pode-se verificar ainda no exemplo seguinte (31) que a vogal do prefixo pessoal /o/ se harmoniza com a vogal da primeira sílaba do tema ao qual eles se agregam. Isso ocorre em todo o paradigma da morfologia de palavras com prefixos pessoais. Assim, por exemplo, /o/ → [i] nos pronomes de primeira e segunda pessoa feminina; o /i/ → /i/, nos pronomes de 2P, 3P e 1P, como exemplificamos em (31), para a 1PS.

- (31) /no.mi.ka.na/ → [ni.'mik^õ.ne] 'eu vou dormir'

Como observado nos exemplos, a relação entre os prefixos pessoais e as bases lexicais podem provocar muitas mudanças (morfo)fonológicas, como descreveremos com mais detalhes nas seções seguintes.

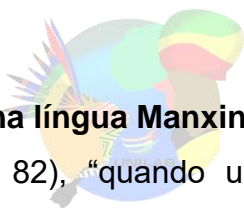
3. Descrição de aspectos da morfofonologia do Manxineru: exemplos de apagamento

A proposta para esta seção é descrever alguns dos aspectos morfofológicos, principalmente aqueles que dizem respeito à formação e flexão de nomes, em Manxineru que têm como base estrutural a ocorrência de prefixos pessoais e possessivos. Como adiantamos, nesta língua a interface da fonologia com a morfologia e essas com sintaxe é muito produtiva, o que provoca diversos fenômenos fonológicos advindos desta interação e por se tratar de uma língua tipologicamente polissintética e aglutinante, ou seja, que reúne morfemas distintos com funções sintáticas diversas na mesma palavra, como se pode verificar nos exemplos seguintes em comparação com a língua Xokleng/Laklãnõ (33), que é considerada uma língua isolante, em relação ao Manxineru (32).

- (32) ni-ka-li=hita=ri-ni-ka-ni
comer-C.V-NMLZ=carne de caça=3S.M-comer-C.V-PROG
'ele comerá carne de caça'
- (33) kózej vū ãn te ban kabág tẽ
flor M casa ESPEC POSP ADV IMPERF
'as flores estão ao redor da casa'

Por essa característica da língua e para as análises que fazemos neste trabalho, foi necessário lançar mão da fonética experimental para a verificação de aspectos acústicos (medidas físicas) do *software PRAAT*⁶ como um recurso metodológico e técnico de análise de dados e verificação dos fenômenos físicos, pois é uma forma de tornar a transcrição e a descrição mais precisas e claras, tendo em vista que, como afirma Ladefoged (1990a, p. 343-344), mesmo os mais experientes foneticistas poderão não reconhecer auditivamente distinções para as quais eles estão totalmente desacostumados. Ladefoged (1990a, 1975) propõe também que é na linguística que essa premissa se faz mais ainda necessária, pois não existe um modo pelo qual se possam responder questões como quais sons da fala são mais semelhantes, ou quais articulações são mais difíceis de ser feitas, sem sermos amplamente afetados pelas próprias inclinações linguísticas.

Assim, o que queremos deixar claro é que o uso da acústica experimental foi fundamental para dar clareza, segurança e fidelidade à descrição dos fenômenos fonológicos investigados aqui.



3.1 Processos morfofonológicos na língua Manxineru

Segundo Cagliari (2002, p. 82), “quando uma forma básica lexical serve de motivação para uma regra fonológica, acontece um processo morfofonológico”. São fenômenos que sempre envolvem um componente morfológico e/ou lexical (HASPELMATH; SIMES, p. 214) como condição para a ocorrência de mudança fonológica. No caso do escopo desta pesquisa, descrevemos aqueles fenômenos que envolvem principalmente os prefixos pessoais e possessivos do Manxineru, na derivação e flexão nominal, tendo em vista o alto grau de ocorrência e variação desses prefixos nos nomes.

Os principais processos fonológicos, mas não exclusivos, que descrevemos neste trabalho têm muita influência da forte relação entre a fonologia com a morfologia, conforme demonstraremos nas seções seguintes, pois esses prefixos frequentemente sofrem mudanças fonológicas em fronteira de morfema, o que gera ainda um grande número de mudanças alomórficas tanto desses prefixos pessoais como também de outros

⁶ Programa de computador para análise experimental de fonética acústica, disponível em: <https://www.fon.hum.uva.nl/praat/>

morfemas, como sufixos derivacionais e flexionais com funções gramaticais variadas na língua.

3.1.1 Apagamento vocálico e o conseguinte alongamento compensatório

O apagamento vocálico ocorre principalmente por junções morfofonológicas (COUTO, 2012, 2016), o que gera uma série de alomorfes, principalmente, mas não de forma exclusiva, dos prefixos pessoais. Para verificação desse fenômeno, exemplificamos, em seguida, algumas ocorrências desse processo. Nos exemplos seguintes, descrevemos algumas dessas ocorrências de apagamento da vogal envolvendo os prefixos pessoais {no-} e {to-}, respectivamente 1S⁷ e 3SF.

Regra fonológica:

$$\begin{bmatrix} -\text{consonantal} \\ +\text{soante} \\ +\text{sonoro} \end{bmatrix} \rightarrow [\emptyset] / [+consonantal] ___ + \begin{bmatrix} -\text{soante} \\ -\text{contínuo} \\ -\text{sonoro} \end{bmatrix}$$

/V/ → [∅]:

(34) /no.tʃiw.le/ → [n̩:ˈtʃiw.le] ‘meu pulmão’



No exemplo precedente (34) e no seguinte (35b), se verifica a queda total da vogal, o que só é possível porque o fonema /n/ pode se realizar nesta língua, foneticamente, como núcleo silábico, sendo que para isso ocorrer, a língua promove a realização alongada da consoante /n/ → [n̩:]. Isso ocorre para compensar, prosodicamente, a queda da vogal núcleo da sílaba do morfema {no-}. Esse tipo de fenômeno foi descrito por Matteson (1965), quando ela defende que ocorrências similares a essa, em Piro (variante da língua Manxinru, falada no Peru), são silábicas, classificadas para ela como fonemas. Essa posição é diferente da perspectiva adotada neste trabalho (e que segue COUTO, 2012, 2014, 2016), já postulamos que em Manxinero essa ocorrência se apenas na superfície.

(35) a. /ti.wi/ → [ˈti.wi] ‘sal’

/V/ → [∅]:

b. /no.ti.wi.ne/ → [n̩:ˈti.ˈwĩ.ne] ‘meu sal’

⁷ Glosa: 1S=primeira pessoa do singular; 1P=primeira pessoa do plural; 2S=segunda pessoa do singular, 2P=segunda pessoa do plural; 3SF=terceira pessoa do singular feminino; 3SM=terceira pessoa do singular masculino; PL=plural; S=singular; C.V= ;NMLZ= nominalizador; C.V=classe verbal; PROG=progressivo; ESPEC=especificador; POSP=posposição; ADV=advérbio; IMPERF=imperfectivo.

Os exemplos (34 e 35b) são dados que evidenciam que pronomes pessoais, nestes dados, sofrem elisão de suas respectivas vogais ao se juntarem aos temas iniciados pelas consoantes /t/ ou /tʃ/, que são [–contínuo –soante –sonoro]. Os exemplos seguintes (36 e 37) reforçam exemplos de ocorrência de apagamento de vogais na junção morfofonológica entre pronomes pessoais com tema base e consoante e recorrente alongamento compensatório (cf. LIN, 1997; COUTO, 2012, 2016), consonantal de /n/, como mostramos nestes dados da língua Manxineru.

(36) a. /ro.pa.na/ → [°ro.'pẽ.ne]⁸ 'fígado'

/N/ → [Ø]:

b. /no.ro.pa.na.te/ → [n̄:.do.pẽ.'na.te] 'meu fígado'

Observe que o exemplo (36b) evidencia que a relação intrínseca entre fonologia e morfologia cria um encontro heterosilábico entre [n e d], motivado pelo apagamento da vogal /o/ da sílaba inicial da palavra base /ro.pa.na/. Esse apagamento e respectivo encontro consonantal faz com que haja a dessoantização⁹ do /r/, pois esse fonema não ocorre, em Manxineru, precedido por consoante nasal /n/, assim ele se realiza foneticamente como a obstruente vozeada [d].

Já no exemplo seguinte (37b), é possível notar o apagamento de uma sílaba inteira /to/ quando há a junção da forma da terceira pessoa do feminino singular {to-}. Acreditamos que esse caso possa ser classificado como sendo um processo de haplogia morfológica condicionado pelo Princípio do Contorno Obrigatório (PCO), já que houve a supressão de toda uma sílaba, por haver outra sequência sonora idêntica em região morfológicamente contígua nesse dado específico.

Regra fonológica: /to/ → Ø / #___+ [sílaba idêntica].

(37) a. /to.ka.na.tʃi/ → [to.ka.na.tʃi] 'voz'

⁸ Em Manxineru, quando a palavra se inicia pelo tepe [r], há a ocorrência de uma vogal que o precede para dar apoio fonético ao fonema /r/. As características formânticas dessa vogal de apoio são semelhantes às características da vogal nuclear, porém com duração menor. A realização da vogal de apoio (V.A) tem sua estrutura formântica condicionada pela qualidade da vogal nuclear da sílaba seguinte. Nesse sentido, a V.A ao tepe é um elemento vocálico que é reflexo de parte da vogal nuclear situada à direita do tepe [r]. A produção do rótico /r/. Apesar de não ser foco de nosso trabalho, a nossa análise acerca dos dados nos permitiu postular que as vogais de apoio são de natureza essencialmente fonética e, assim, não têm status fonológico e não se configura nem em fonemas, nem mesmo em alofones.

⁹ A terminologia dessoantização que assumimos aqui diz respeito ao processo fonológico em que uma consoante [+soante] se realiza como [+obstruente].

/toto/ → [tu] ~ [to]:

b. /to.to.ka.na/ → /tu.'kẽ:.ne/ ~ /to.'kẽ:.ne/ 'voz dela'

3.1.2 Apagamento vocálico e conseguinte palatização consonantal

Em Manxineru, as fronteiras morfofonológicas podem promover não só o apagamento vocálico como também outros processos. Entre esses processos, e que trataremos nesta seção, há a palatização consonantal, como se verifica no exemplo (38b), se comparado com (38a), quando há a junção do prefixo de 3SF {to-}, ao tema {-fima}.

Regra fonológica:

$$\left[\begin{array}{l} +\text{cosonantal} \\ +\text{anterior} \\ -\text{soltura retardada} \end{array} \right] \rightarrow \left[\begin{array}{l} -\text{anterior} \\ +\text{soltura retardada} \end{array} \right] / \# ___ + \left[\begin{array}{l} +\text{coronal} \\ -\text{anterior} \\ +\text{contínuo} \end{array} \right]$$

/t/ → [tʃ]

(38) a. /ʃi.ma/ → [ʃi:.mɐ] 'peixe'
 b. /to.ʃi.ma.ne/ → [tʃi.'mẽ.ne] 'peixe dela'

Note-se que o apagamento da vogal do prefixo pessoal ocorre também diante de /ʃ/, resultando no encontro heterossilábico de /t/ e /ʃ/, que evidencia a realização de uma consoante palatalizada e de articulação complexa [tʃ], como mostrou o exemplo (38b). Caso semelhante ocorre com (39b), exemplificado em seguida.

(39) a. /pa.na.tʃi/ → [pẽ.'na.tʃi] 'casa'
 b. /no.pa.çi/ → [no.pçi] 'minha casa'

O exemplo de (39b) mostra que a vogal /a/, da penúltima sílaba, é apagada no processo de derivação, e essa juntura morfofonológica provoca, por conseguinte, a formação de *cluster* tautossilábico na palavra. Assim, a junção de /ç/ com a consoante obstruente /p/ promove a realização de uma consoante com coarticulação [pç].

Os exemplos mostrados nesta seção fundamentam as seguintes generalizações hipotéticas: os sufixos mediadores de posse {-ne} e {-te} não afetam o acento do tema, mas criam um padrão de acento na antepenúltima sílaba. Para manter esse padrão, o sistema provoca a perda vocálica da vogal dos prefixos iniciados pelas consoantes oclusivas, tanto nasais quanto orais, quando o tema se inicia por uma consoante [-contínua - soante - vozeada].

3.1.3 Apagamento vocálico e a ocorrência de consoantes aspiradas

Na língua Manxineru há, de forma bem recorrente e em fronteira morfo(fonológica), a ocorrência aspirada de um fonema, sendo que esse processo só ocorre se a vogal estiver em ambiente entre consoantes [–contínua –soante –sonora], sendo mais comum ocorrer esse enfraquecimento em início de palavra. Dessa forma, a vogal perde suas qualidades articulatórias e formânticas intrínsecas, o que acarreta, na superfície, a produção de consoantes aspiradas [p^h, t^h, k^h].

Ao tratar do processo de consoantes aspiradas, Aikhenvald (1999a, p. 76) afirma que as línguas pertencentes à família Aruák contam com um máximo de sete pontos de articulação e a fricativa bilabial /β/ seria um estágio intermediário do processo de lenição /p/ → /h/, que é, segundo a autora, bastante comum nas línguas Aruák, como em: Yawalapiti, Achagua, Mandawaka e Manao. No caso específico do Manxineru, não há a fricativa bilabial, assim, como já postulado por Couto (2016), então temos as seguintes evidências para essas ocorrências: (i) a aspiração só ocorre com consoantes oclusivas, (ii) a aspiração se dá pela perda de qualidade formânticas da vogal, causada pela junta morfofonológica e (iii) a aspiração só se dá no interior da palavra.

Os exemplos (40-44) evidenciam o processo de ocorrência aspirada da vogal. Pode-se verificar que em (40a) tem-se a vogal [a] realizando-se na sua forma natural, com todas as propriedades articulatórias e acústicas inerentes à vogal [a], mas em (40b), a vogal, em contexto de fronteira morfofonológica, perde suas propriedades físicas inerentes, resultando assim, na superfície, em uma forma aspirada [h], mas fonologicamente se mantendo no sistema.

Nessa configuração, a vogal em forma aspirada se junta à consoante da sílaba anterior, que é sempre [–soante –contínua –vozeada], formando com ela um único fone, assim os fonemas /p/, /t/ e /k/ se realizam na superfície respectivamente como [p^h], [t^h] e [k^h], conforme descrito em outros trabalhos (COUTO, 2012, 2016, MATTERSON, 1965) sobre o Yine (Manxineru-Piro). Quando se observa a realização dessa vogal em um espectrograma, a onda aparece em formato aperiódico, com ausência de *pitch* e embranquecimento dos espectros.

Regra fonológica:

$$\left[\begin{array}{l} +\text{silábico} \\ +\text{contínuo} \\ +\text{sonoro} \end{array} \right] \rightarrow \left[\begin{array}{l} -\text{silábico} \\ -\text{contínuo} \\ -\text{sonoro} \end{array} \right] + \left[\begin{array}{l} -\text{silábico} \\ -\text{contínuo} \\ -\text{sonoro} \end{array} \right]$$

(40) a. /ha.tʃiw.le/ → [ha.ʰtʃiw.le] ‘pulmão de vocês’

/i/ → [i^h]:

b. /pi.tʃiw.le/ → [p^htʃiw.le] 'seu pulmão'

Essa aspiração é muito comum no processo de concatenação da língua Manxineru, motivado também pela simetria rítmica do sistema (COUTO, 2012, 2016). Assim, o mesmo processo pode ser visto nos exemplos de (41-43). Ou seja, a vogal se realiza foneticamente na superfície como uma aspiração, o que permite que a vogal continue existindo fonologicamente na palavra, contudo foneticamente o resultado desse enfraquecimento, e mais plausível de se mensurar, é interpretar essas ocorrências como consoante aspirada, já que é este o efeito acústico desta lenição vocálica, como podemos verificar também nos dados seguintes (41-43).

/i/ → [ʰ]:

(41) /pi.ti.wi.ne/ → [p^h.ti.'wi.ne] 'seu sal'

/i/ → [ʰ]:

(42) /pi.to.ka.na/ → [p^hto'k^ẽne] 'sua voz'

/o/ → [ʰ]:

(43) /to.ka.jo.na.lo.te/ → [t^hka.jo.na.'lo.te] 'pintado (espécie de peixe) dela'

Os exemplos supracitados demonstram que a vogal do morfema pessoal ocorre como uma aspiração em fronteira com o tema, conforme ambiente descrito, mas o processo de uma vogal ser apagada e o resultado disso ser uma aspiração pode ser observado em outros ambientes da palavra, mesmo sendo mais produtiva na junção dos pronomes possessivos com a base lexical, como exemplificamos em seguida em (44b).

/i/ → [ʰ]:

(44) a. /pi.çe.pa/ → [p^h.çɛ.pa] 'seu piolho'

b. /çe.pa.tʃi/ → [çɛ.p^htʃi] 'piolho'

Observamos, no exemplo (44), a ocorrência de consoantes aspiradas que é o resultado de apagamento das propriedades físicas da vogal em fronteira de morfema, mas isso só ocorre em fronteira em que há consoantes [–soante –contínua –sonora], como exemplificado nos dados (40-45) e padronizado na regra seguinte.

Regra fonológica:

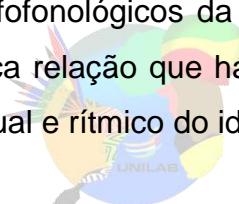
$$\left[\begin{array}{l} +\text{silábico} \\ +\text{contínua} \\ +\text{sonoro} \end{array} \right] \rightarrow [ʰ] / \left[\begin{array}{l} -\text{silábico} \\ -\text{contínua} \\ -\text{sonoro} \end{array} \right] \text{ — } + \left[\begin{array}{l} -\text{silábico} \\ -\text{contínua} \\ -\text{sonoro} \end{array} \right]$$

Considerações finais

A análise e descrição dos fenômenos morfofonológicos deste trabalho permitiu demonstrar amostras de ocorrências de mudanças fonéticas, fonológicas e morfológicas em nomes da língua Manxineru. Essa estreita relação entre unidades da fonologia e da morfologia provoca mudanças significativas na língua e se mostram muito produtivas, principalmente com relação aos prefixos pessoais possessivos e sufixos flexionais.

Como demonstrado no decorrer deste trabalho, as relações (morfo)fonológicas, a tipologia aglutinante e sintética e a reorganização rítmica da língua provocam diversos processos fonológicos nas unidades constitutivas das palavras. Essa estreita relação promove processos como apagamento vocálico e consonantal, com conseguinte, em alguns casos, alongamento compensatório e realizações aspiradas dos segmentos. Processos esses que impactam diretamente no padrão acentual e na constituição do molde silábico e rítmico dessa língua.

Por fim, é importante ressaltar que não tivemos a intenção de descrever exaustivamente os fenômenos morfofonológicos da língua, mas de demonstrar dados e análises que evidenciam a intrínseca relação que há entre os processos fonológicos e a estrutura morfológica, padrão acentual e rítmico do idioma Manxineru.



REFERÊNCIAS

- AIKHENVALD, Alexandra Yurievna. **The Arawak language family of The Amazonian languages**. Cambridge: Cambridge University Press. 1999b, p. 65-106.
- CAGLIARI, Luiz. Carlos. **Questões de morfologia e fonologia**. Campinas: edição do autor, 2002.
- CAMPBELL, Lyle. Typological characteristics of South American indigenous languages. In: **The indigenous languages of South America: a comprehensive guide**. Berlin/Boston: Radboud University Nijmegen, 2012.
- _____; GRANDONA, Verónica. **The indigenous languages of South America: a comprehensive guide**. Berlin/Boston: Radboud University Nijmegen, 2012.
- CHOMSKY, Noam; HALLE, Morris. **The Sound Pattern Of English**. Evanston, and London: Harper & Row, 1968.
- CLEMENTS, George. Nickerson.; HUME, Elizabeth Valerie. The Internal Organization of Speech Sounds. 1995. In: GOLDSMITH, John Anton. **The Handbook of Phonological Theory**. Cambridge, Massachusetts: Blackwell, 1995.

COUTO, Fábio Pereira. **Conexões entre processos morfofonológicos e acento em Manxineru**: a variedade Yine (família Aruák) falada no Brasil. Tese (Doutorado em Linguística). Brasília: UnB, 2016. 368 p.

_____. **Contribuições para a Fonética e fonológica da língua Manxineru (Aruák)**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Brasília: Universidade de Brasília, 2012, 128 p.

_____. Considerações Preliminares sobre os processos de vozeamento, nasalidade e dessoantização em Manxineru (Aruák). *In: Linguística*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2014, p. 135-148.

HASPELMATH, Martin; SIMS, Andrea D. **Understanding Morphology**. New York: Oxford University Press, 2002.

HAYES, Bruce. **A Metrical Stress Theory of Stress Rules**. Doctoral dissertation (PhD). Cambridge, Massachusetts: MIT, 1981, 341 p.

_____. **Metrical Stress Theory**. Chicago: The University of Chicago, 1995.

_____. **Metrical Stress Theory: principles and case studies**. Los Angeles, University of California, 1991.

HOCK, Hans Henrich. **Principles of Historical Linguistics**. 2. ed. Berlin; New York, Mouton de Gruyter, 1991.

_____. **Compensatory lengthening**: In defense of the concept Mora. Mouton: Mouton Publishers, 1986, p. 400-431.

LADEFOGED, Peter. On dividing phonetics and phonology: comments on the papers by Clements and by Browman and Goldstein. In **John Kingston and Mary E. Beckman (eds)**. Papers in Laboratory Phonology I. Between the grammar and physics of speech. Cambridge/UK: Cambridge University Press, 1990b, p. 398-405.

_____. **Vowels and Consonants**: an Introduction to the Sounds of Languages. Malden/MA, USA: Blackwell Publishing, 2001.

_____. **A Course in Phonetics**. California, Los Angeles: Harcourt Jovanovich, Inc. 1975.

LIN, Yen-Hwei. Syllabic and Moraic Structures in Piro. *In: Phonology*, Michigan, vol. 14, n. 3, 1997, p. 403-436.

MATISOFF, James A. **Rhinoglottophilia**: the mysterious connection between nasality and glottality. Nasálfest, ed. by Charles A. Ferguson, Larry H. Hyman, and John J. Ohala. Stanford University Press, 1975.

MATTESON, Esther. **The Piro (Arawakan) language**. California, USA: University of California, 1965.

Fábio Pereira Couto, Natália Cristine Prado, Fenômenos Morfofonológicos em nomes da língua...

RAMIREZ, Henri. **Línguas Arawak da Amazônia Setentrional**: comparação e descrição. Manaus, Universidade do Amazonas, 2001.

RODRIGUES, Aryon Dall'igna. **Línguas Brasileiras**: para o conhecimento das línguas indígenas. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. **Silêncio, nasalidade e laringalidade em línguas indígenas brasileiras**. Letras de Hoje, v. 38, n. 4. Porto Alegre, 2003. p. 11–24.

SILVA, Edineide dos Santos. **Aspectos gramaticais da língua indígena Manxinéri (Aruák)**. Tese (Doutorado em Linguística). Brasília: Universidade de Brasília, 2013.

Recebido em: 12/10/2023

Aceito em: 12/04/2024



Para citar este texto (ABNT): COUTO, Fábio Pereira; PRADO, Natália Cristine. Fenômenos Morfofonológicos em nomes da língua indígena Manxineru (Aruák). *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.4, nº 1, p.58-79, jan.-abr. 2024.

Para citar este texto (APA): Couto, Fábio Pereira; Prado, Natália Cristine. (jan.-abr. 2024). Fenômenos Morfofonológicos em nomes da língua indígena Manxineru (Aruák). *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 4 (1): 58-79.

Njinga & Sepé: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/njingaesape>